

E o candidato do PMDB pode vir de fora

Ulysses e Quércia constataram ontem que o partido está dividido, há outros bons nomes e pode até haver uma aproximação com os tucanos.

Ulysses Guimarães continua candidato à Presidência da República. Orestes Quércia insiste em que será o coordenador da campanha de Ulysses. Mas nenhum dos dois está tão confiante. Admitem que o PMDB está dividido, que tem outros bons nomes e pelo menos Ulysses já acha até viável a perspectiva de um reencontro com os tucanos de Mário Covas. E argumenta: “Afiml, não foi assim que aconteceu com o PP? E não foi assim que fizemos Tancredo Neves presidente da República?”

Ontem, Ulysses e Quércia conversaram por mais de uma hora no gabinete do governador. Depois, em longa entrevista coletiva, no Palácio dos Bandeirantes, na qual jogaram muito confete um no outro, foram bastante objetivos: é preciso que o PMDB saia unido e leve à convenção, prevista para o dia 7 de maio, um candidato único. E é isso que deverá ocorrer — ou pelo menos ser encaminhado — hoje, durante o almoço que Quércia oferecerá aos 11 governadores que estarão em São Paulo para participar da inauguração do Memorial da América Latina.

Quércia vai insistir em que uma chapa com a “dobradinha” Ulysses-Waldir Pires seria “imbatível” e uniria o partido, embora saiba que o governador da Bahia afirmou ontem, mais uma vez, em Recife, que não pretende ser candidato a vice em hipótese alguma, e muito menos “bater chapa, na convenção, com o ex-”Senhor Constituinte”.

E Ulysses insistirá em que da reunião-almoço de hoje deverá sair uma posição uniforme dos governadores. Se possível, até mesmo o nome daquele que o PMDB lançará candidato à Presidência da República. Chegou até a admitir que se o seu nome não vingar, terá “muito prazer em votar no governador Orestes Quércia, cujo cacife político e eleitoral é muito grande”.

Aliás, essa tese de Ulysses é compartilhada pelo governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, que virá a São Paulo disposto a “decidir essa parada até o final da tarde”. Só que se Ulysses traz seu próprio nome para a reunião e coloca no bolso do colete o de Quércia, como candidato de conciliação, o governador de Minas tem projeto diferente: promete lançar seu colega baiano, Waldir Pires, para cabeça de chapa porque “se o partido atrasar mais essa decisão, poderá aumentar as divisões internas”. Ele garante que “Minas dará o tom da sucessão”, mas não quer nem ouvir falar na possibilidade de seu nome para vice.

Os problemas

Essa reunião de governadores marcada para hoje, no Palácio dos Bandeirantes, não será nada tranqüila. Entre os convidados de Quércia para a festa do Memorial está o ministro Iris Rezende, presidenciável — ainda que com restrições — do grupo conservador. E os parlamentares ulyssistas, logo após a convenção que elegeu o diretório e a executiva nacional do PMDB, no fim de semana passado, em Brasília, abandonaram a união com os “progressistas” e passaram a flertar abertamente com os “moderados”, na tentativa de viabilizar a candidatura do seu líder. Isso vem causando descontentamento no grupo Novo PMDB que domina a Executiva e do qual fazem parte praticamente todos os governadores. Ulysses deixou claro, na entrevista de ontem, que vê com bons olhos uma aproximação com os “moderados”, o que pode gerar uma manobra de última hora: Ulysses venceria a convenção como candidato a presidente e Iris Rezende (que o ministro Carlos Sant’Anna, da Educação, já declarou que irá à convenção pelo grupo “moderado”) ficaria em segundo lugar. A partir daí haveria uma repetição do episódio Montoro-Quércia, na eleição de 1982 para o governo de São Paulo. O vice de Montoro era Mário Covas. Quércia foi derrotado na convenção estadual. Ameaçou abandonar o partido. E Covas acabou sendo “fritado” em nome da “unidade partidária”.

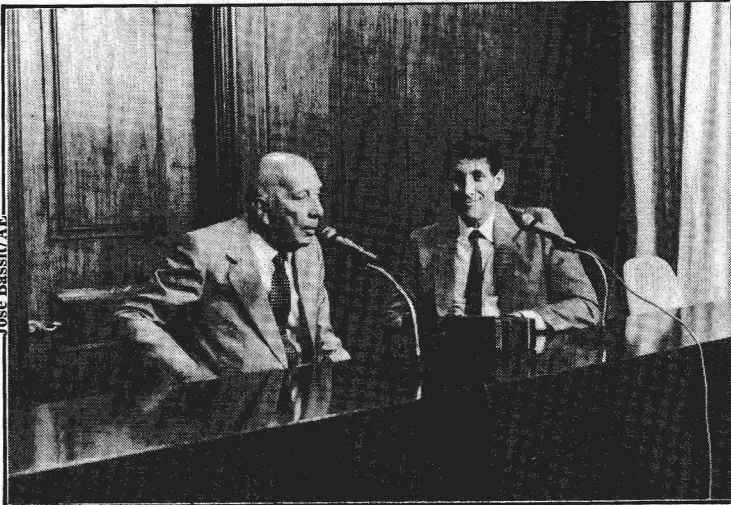
Só que o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, não admite essa hipótese. “Se ela ocorrer — garante Arraes — haverá uma debandada do PMDB como já ocorreu em 1985, em Pernambuco, quando Jarbas Vasconcelos deixou o partido e se elegeu prefeito do Recife pelo PSB.”

E Quércia, onde fica?

Os analistas admitem que se ocorrer um “racha” dentro do PMDB haverá dois beneficiários imediatos: Mário Covas, candidato dos tucanos, e Leonel Brizola, do PDT. Essa cisão decretaria o fim do PMDB. Por isso mesmo, argumentam com duas possibilidades. A primeira, de Ulysses vir a ser ungido candidato a presidente e carregar, como vice, na impossibilidade de poder contar com Waldir Pires, o governador do Ceará, Tasso Jereissati (que por sinal chega hoje a São Paulo no mesmo jatinho que trará seus colegas da Bahia, Waldir Pires, e de Pernambuco, Miguel Arraes). Seria uma abertura para a composição de ulyssistas e conservadores, com o presidente do PMDB como cabeça de chapa e outra para os “progressistas”, com Jereissati de vice.

A segunda — na qual apostam os quercistas — seria Ulysses sentir-se inviável e lançar Quércia para presidente com Jereissati como vice. Mas essa solução é vista como uma tentativa para queimar o segundo nome nordestino, pois como diz o deputado Fernando Gasparian, “é fundamental a aproximação de Ulysses com os moderados”. Mesmo assim, esse tema teria sido debatido entre Quércia e os deputados Ibsen Pinheiro, Cid Carvalho, Manoel Moreira, José Carlos Vasconcelos e Genebaldo Correa, em reunião fechada, à noite, no Memorial da América Latina.

João Sampaio



Ulysses, com Quércia: está faltando confiança.



Caiado: carregado em Uberlândia.